

Vol. 01, Nº 03 (2024)  
ISSN: 2966-0130

# REVISTA FIOS DE LETRAS

# AS ESTAÇÕES DO ANO NA POESIA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Alessandra Marinho Lima

**Kenedi Santos Azevedo**

---

**As estações do ano na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen**

2

*The seasons in the poetry of Sophia de Mello Breyner Andresen*

**Alessandra Marinho Lima**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5256-2902>  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4428944171887926>

**Kenedi Santos Azevedo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6795-4616>  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9855078383230746>

**RESUMO:** O presente artigo tem a finalidade de verificar de que forma se configura o tempo, por intermédio das estações do ano no livro *Dual* (2014), de Sophia de Mello Breyner Andresen, e como tal variação afeta a vida, quando pensada na perspectiva do eu lírico feminino. O tempo e poesia se relacionam na obra dessa poeta, de modo que é bem representado por meio das estações do ano. E os três conceitos de tempo, tempo cílico, tempo e consciência, tempo e existência, serão evidenciados através da poesia de Sophia. Dessa forma, como fundamento para este trabalho, recorre-se à concepção de tempo descrito por Santo Agostinho no seu livro *Confissões*, que discorre sobre o tempo e consciência. Como também se apoiou na teoria de Octavio Paz no seu livro *O arco e a lira* na parte em que decorre sobre o tempo em si e como o tempo se configura na literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sophia Andresen. Poesia Portuguesa. Tempo. Estações do ano.

**ABSTRACT:** This article aims to verify how the time is configured, for between the seasons in the book *Dual* (2014), by Sophia de Mello Breyner Andresen, and how such variation affects life, when thought from the perspective of the lyrical self feminine. Time and poetry are related in the work of this poet, so it is well represented by the seasons. And the three concepts of time, cyclic time, time and consciousness, time and existence, will be evidenced through the poetry of Sophia. Thus, as a basis for this work, we resorted to the conception of time described by Saint Augustine in his book *Confessions*, which discusses the time and conscience. As he also relied on the theory of Octavio Paz in his book the bow and the lyre in the part in which it takes place on time itself and how time is configured in the literature.

**KEYWORDS:** Sophia Andresen. Portuguese poetry. Time. Seasons.

### **O tempo na poesia**

O verbete “tempo” vem do latim *tempus, oris*, designa a série ininterrupta e eterna de instantes; medida arbitrária da duração das coisas; época determinada; prazo e demora; quadra, estação. Com o sentido desta última é que se vai concentrar a pesquisa, sem deixar de lado os outros significados demonstrados. No *Dicionário de filosofia* de Nicola Abbagnano o tempo têm as seguintes definições:

---

[...] Primeira concepção vinculam-se, na Antiguidade, o conceito cíclico do mundo e da vida do homem (metempsícos) e, na época moderna, o conceito científico de tempo. À segunda concepção vincula-se o conceito de consciência, com a qual o T. é identificado. A terceira concepção, derivada da filosofia existencialista, apresenta algumas inovações na análise do conceito de tempo (Abbagnano, 2007, p. 955).

Podem-se notar três conceitos sobre o tempo, como cíclico, consciência e existencialista, o tempo é um ciclo, que tem um começo e um fim, como os dias, as semanas, os meses, os anos, e dentro desse tempo existem quatro estações do ano, que marcam essa circularidade. E com o tempo vem à consciência e a existência do ser, em relação a tudo que se viveu e aprendeu no decorrer da vida, fazendo uma reflexão do tempo vivido.

As definições para “tempo” ganham diversos sentidos, dependendo da área do saber, como em diferentes culturas, tendendo a ser complexo o seu conceito, por isso Santo Agostinho chega mesmo a indagar: “Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito?”, e, em seguida, Santo Agostinho completa dizendo: “Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente” (1980, p. 265). Além do mais, para o Santo Agostinho (1980, p. 270), não existe exatamente essa separação dos tempos entre passado, presente e futuro:

O que agora claramente transparece é que nem há tempos futuros nem pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras.

Segundo o filósofo, o tempo presente é o tempo que se vai para o futuro e se volta para o passado, pois o passado se torna presente quando é lembrado, visto que, é no presente que se relata acontecimentos do passado com veracidades, os quais estão registrados na memória, como também é no tempo presente que se planeja o futuro, assim sendo, tudo ocorre no presente.

Todos os acontecimentos do passado vão ser lembrados no tempo presente, por conta disso, o pretérito vai existir na consciência do homem. Concordamos com Santo Agostinho ao dizer:

Ainda que se narrem os acontecimentos verídicos já passados, a memória relata, não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais, ao passarem pelos sentidos, gravaram no espírito uma espécie de vestígios. Por conseguinte, a minha infância, que já não existe presentemente, existe no passado que já não é. Porém a sua imagem, quando a evoco e se torna objeto de alguma descrição, vejo-a no tempo presente, porque ainda está na minha memória (Agostinho, 1980, p. 269).

Por mais que sejam verdadeiros todos os fatos que ocorreram no passado, já não existe mais, pois já passou, e está apenas gravado na mente, onde alguma palavra do presente fez a pessoa associar algo do seu passado, fazendo vir à tona lembranças de momentos vivenciados antes. Portanto, tudo que existe de acordo com Agostinho é o presente, uma vez que, tudo que for lembrado em relação ao passado, vai ser no tempo presente, que ainda consta na consciência da pessoa.

Sobre o tempo descrito por Santo Agostinho, Carlos Cáceres (2021, p. 14), no seu artigo *A criação e o tempo em Agostinho: uma análise do livro XI das Confissões*, afirma “que o passado é uma reconstrução da memória operando no presente, reconstruindo experiências já ocorridas”. Ainda reitera dizendo “O futuro é presente no sentido de que podemos pensar nele, nos momentos que o antecipamos mentalmente ou o projetamos”, assim sendo, o autor concorda com a concepção do tempo agostiniano, que é no tempo presente que tudo acontece:

Portanto, esses três tempos só existem para nós, esse tempo não é o tempo do mundo, mas é a temporalidade da alma. Agostinho propõe uma divisão, tempo do mundo e tempo da alma. O tempo do mundo é o tempo do relógio o tempo do calendário, é o tempo do deixar de ser. Já o tempo da alma é regido por uma lógica que não é ontológica (Cáceres, 2021, p. 45).

De acordo com o autor, o tempo no qual Santo Agostinho de Hipona se refere não é o mesmo que o homem convive no seu cotidiano, tempo esse que é cronometrado, que consta nos calendários, relógios, como também é aquele que não se pode fugir, contudo, o tempo agostiniano é o inverso dele, devido a ser aquele que existe somente na mente do homem, que não se preocupa com o antes e nem com o depois, só com o momento presente, como também é o tempo da alma, particular de cada um. Sob tal ótica do tempo agostiniano, Fábio José Barbosa Correia fala que isso equivale a afirmar que:

[...] O tempo existe por causa de nossas consciências, isto é, não existindo o homem, não existindo sua consciência, o tempo também não existirá, porque é lá que, unicamente, existe o tempo; como também é lá, na consciência, na mente do homem, onde tem início e onde há também sua tripartição em passado, presente e futuro, por intermédio da memória (Correia, 2006, p. 16).

---

O tempo irá existir por causa do homem, pois se nada existisse antes, não teria o tempo passado, e se nada existisse agora, não teria o presente e muito menos o futuro, de modo que, é a consciência do ser humano que irá determinar sobre o tempo, e fazer a separação entre o passado, presente e futuro, e isto com a ajuda da memória. A pessoa ao lembrar dos eventos que já passou, irá determinar que aquele tempo é passado, mas se lembrará desse acontecimento no tempo presente, como também irá se planejar para o futuro, toda essa separação dos tempos acontecendo na mente do homem.

Rita de Cássia de Oliveira aprofunda-se nessa temática dizendo que esses tempos são perceptíveis no instante em que se fala a respeito dos momentos transcorridos e dos quais futuramente irão acontecer:

O tempo é percebido no momento em que falamos e pensamos nas coisas passadas e nas coisas futuras (como longas ou breves). Mas, é a partir do presente que falo tanto das coisas passadas (lembranças/memória) quanto das coisas futuras (visão) então, é no tempo presente que se inscrevem um tempo passado e um tempo futuro, logo, passado, presente e futuro são modulações do presente (Oliveira, 2012, p.17).

Conforme a autora, o tempo está inserido na memória do ser humano, na medida em que ele é lembrado quando se pensa e se fala em acontecimentos vivenciados no passado e tudo que se pretende viver no futuro, além disso, ela deixa em evidência que é a partir do tempo presente que tanto o passado, presente e futuro se desenvolvem.

Para Octavio Paz, em *O arco e a lira*, “O tempo não está fora de nós, nem é algo que passa à frente de nossos olhos como ponteiros do relógio: nós somos o tempo, e não são os anos, mas nós que passamos”. Segundo o ensaísta, o tempo não é algo separado do ser humano, no qual se pode observar de fora, como mero telespectador. “O tempo possui uma direção, um sentido, porque ele nada mais é que nós mesmos” (1982, p. 69), isto porque não são os dias e nem os anos que passam, mas sim o homem. Por isso, o tempo não pode ser marcado por um simples relógio, passando a impressão de que somente o tempo que passa, independentemente do homem desejar isso ou não.

Na mitologia grega, explica-se a questão de dois tempos distintos, os quais os gregos classificaram em *Kairós* e *Chronos*. Sobre o primeiro, Paulo Corrêa Arantes explana:

Na mitologia grega, Kairós era visto como um atleta de características obscuras, a qual não se expressava mediante uma imagem uniforme, estática, mas por uma ideia sempre em movimento. Em nenhum momento Kairós refletiria o passado ou pressentiria o futuro; ele simboliza o melhor

instante presente: o instante em que se consegue afastar o caos e abraçar a felicidade (Arantes, 2015, p. 3).

6

O tempo Kairós representa o tempo no qual não se encontra nos calendários, que não é cronometrado, que não se pode medir e nem determinar, que se preocupa somente com o momento presente, que o passado e o futuro não teriam lugar, já que o que realmente iria importar era o instante presente, o aqui, o agora.

Já o segundo, Chronos, era deus do tempo, e, por conseguinte, filho mais novo de Urano, que era a representação do céu, e filho de Gaia, a mãe-terra:

Segundo essa mitologia, Urano tinha medo de perder seu poder para um de seus filhos, por isso, sempre que uma nova criança nascia, ele a devolvia para o útero de Gaia. Cansada das atitudes violentas de Urano, Gaia decidiu esconder seu filho mais novo, Chronos. Quando este cresceu, a pedido de sua mãe, ele atacou seu pai com uma foice e o castrou (Arantes, 2015, p. 3).

Chronos passou a governar no lugar de seu pai, tendo como mulher, sua irmã Réia, e com ela teve seis filhos: Héstia, Deméter, Hera, Hades, Poseidon e Zeus. Mas apesar do seu governo ter ficado conhecido como “idade de ouro” da humanidade, Chronos vivia preocupado com a maldição que seu pai lançou sobre ele, que dizia que um de seus filhos iria tomar o seu reino.

Por isso, Chronos começou a devorar seus filhos para que a maldição não viesse a se concretizar, se tornando ainda mais perverso que seu pai, mas assim como fez sua mãe, sua esposa Réia, o enganou dando no lugar de seu filho Zeus, uma rocha para que Chronos pudesse comer achando que era Zeus.

Zeus cresceu em uma caverna em Creta sob a proteção de ninfas e de sua mãe. Quando estava pronto, aliou-se a Mêtis (filha do titã Oceano) e fizeram Chronos regurgitar todos os filhos que havia devorado. Zeus e seus irmãos conseguiram derrotar Chronos após uma guerra de dez anos, a qual ficou conhecida como Titanomaquia. O titã foi expulso para o Tártaro, uma região de grande caos e tormento, e Zeus com os demais deuses obtiveram o dom da imortalidade, visto que Chronos era tido como o “senhor do tempo” (Arantes, 2015, p. 3-4).

Zeus com ajuda de seus irmãos derrotaram Chronos e alcançaram a imortalidade, já que Chronos era deus do tempo. Assim, Chronos representa o tempo físico, cronológico, aquele que se encontra nos calendários e relógios, no qual o homem lida diariamente, que segue uma ordem, sendo assim, linear, que os gregos chamavam como o “tempo dos homens” (Arantes, 2015, p. 4).

Além disso, Chronos retrata as ações destrutivas e traiçoeiras do tempo, pois, segundo Paulo Corrêa Arantes (2015, p. 4), “Ao representar Chronos como um deus

---

que devorava seus filhos, os gregos consideravam-se filhos do tempo e, visto que é impossível fugir ao tempo, mais cedo ou mais tarde, eles seriam vencidos (devorados) pelo tempo". Não se pode correr do tempo, pois está fora dos limites do homem, já que o tempo sempre irá alcançá-lo.

[...] A partir da mitologia grega, Kairós significa momento oportuno, ocasião certa, oportunidade; enquanto que Chronos significa o tempo físico e cronológico, compreendido como anos, meses, dias, horas, minutos e segundos. Kairós se refere a uma experiência temporal, na qual percebemos o momento oportuno em relação a determinado objeto, processo ou contexto. Kairós revela o momento certo para a coisa certa, a melhor oportunidade, o momento crítico para agir, a ocasião certa e apropriada (Arantes, 2015, p. 4).

Kairós reproduz um tempo parecido com o que Santo Agostinho e os outros articulistas discorreram, em virtude de ser aquele tempo que se concentra somente no agora, que não tem preocupação em relação ao passado e nem com o futuro, pois o que irá importar é o momento presente, todavia o tempo Kairós não se centra na consciência, mas sim na vivência, sendo assim, o tempo existencial, aquele que o homem espera o momento certo para agir e aproveitar as oportunidades da vida.

Henrique Fortuna Cairus e Tatiana Oliveira Ribeiro, no artigo *Alguns olhares gregos sobre as estações do ano: a temporalidade e o etnocentrismo*, dizem que:

A palavra tempo guarda certa plurivocidade ou, para sermos mais precisos, uma extensão que, para além de qualquer ambiguidade propõe um elo entre o ser e o estar; entre a permanência cíclica do clima e a efemeridade do estado, que é o inevitável percurso pelo caminho da inconstância e da vicissitude em direção à finitude. As estações do ano, a que os gregos deram o nome horas, hoje tão expressivo do princípio cronológico, também tinham uma extensão bem próxima ao nosso próprio conceito de tempo (Cairus e Ribeiro, 2015, p. 13).

De acordo com esses autores, o tempo pode ter diferentes definições, mas o que não se difere é a sua continuidade cíclica, sendo marcadas pelas estações do ano, além do fato do estado ser temporário e poder mudar repentinamente, se tornando assim, inconstante. Inclusive, as estações do ano eram para os gregos como relógios e calendários, que atualmente o homem utiliza para marcar a passagem do tempo.

Assim, Henrique Fortuna Cairus e Tatiana Oliveira Ribeiro (2015, p. 14) reiteram dizendo que "As estações, vistas pelo ângulo, sobretudo de alguns historiadores antigos, têm também o encargo de assinalar o lapso temporal, de demarcar o ano, e, por conseguinte, o tempo que corre linearmente", à vista disso, as estações do ano, nas civilizações antigas eram usadas para marcar o tempo, assim como são utilizadas

---

por alguns escritores contemporâneos para indicar a passagem do tempo em suas obras.

8

O tempo linear e tempo cílico quase sempre andam juntos, visto que são vinculados por meio das estações do ano. Henrique Fortuna Cairus e Tatiana Oliveira Ribeiro afirmam que:

[...] Às duas concepções primordiais de tempo, a linear e a cílica. A ciclicidade do tempo, marcada e significada pelas estações do ano, fica especialmente evidenciada pela descrição do Egito, e, em particular, pela descrição do Nilo [...] Essas concepções, no entanto, nem sempre andam separadas, e desde Homero são unidas, e o são por meio das estações do ano (Cairus e Ribeiro, 2015, p. 15).

As estações do ano marcam a circularidade do tempo cronológico, uma vez que, tudo que se faz tem um começo, um meio e um fim, então é a partir das quatro estações do ano que será evidenciado esse ciclo.

Na mitologia grega, existe um mito do surgimento das estações do ano. Deméter, deusa da agricultura e filha de Chronos (deus do tempo) tinha uma filha por nome Perséfone, que era deusa das flores, e as duas fizeram manifestar a primavera, verão, outono e inverno. Um certo dia, Perséfone foi raptada por Hades e levada para o seu reino:

Perséfone, em companhia de amigas, colhia violetas e lírios brancos em meio a um bosque. Eis que Hades a viu, depois de ter sido ferido de amor, e, tomado de desejo por aquela moça, resolveu raptá-la e levá-la para seu reino sob a terra. Precipitou-se sobre a moça. Aterrorizada, Perséfone gritou em vão pela mãe e pelas companheiras. Mas o deus a colocou em seu carro puxado por cavalos e partiu em disparada (Vasconcellos, 1998, p. 109).

Segundo essa mitologia, como Demeter era deusa da agricultura, depois do ocorrido com a sua filha, deixou de lado os devidos cuidados com o cultivo da terra, por conseguinte, o solo ficou seco e estérile e já não se podia mais tirar os alimentos que antes saciava a fome de todos, por conta disso, Zeus deixou que Perséfone retornasse para sua mãe.

[...] decidiu que Perséfone passaria uma parte do ano com Deméter e outra parte do ano com Hades, nas profundezas do reino subterrâneo. Quando tem a filha consigo, Deméter se alegra, é primavera, e a terra renasce exuberante, as árvores voltam a produzir folhas e frutos; quando a moça se retira para junto do marido, é inverno, e a natureza parece morrer, sem poder oferecer aos homens os dons do cultivo (Vasconcellos, 1998, p. 109).

---

Assim, Perséfone passava os nove meses com sua mãe, que equivale às estações da primavera, verão e outono, em que na natureza ainda é cheio de frutos, deixando o homem alegre, mas quando chega o inverno Perséfone tem que se retirar para junto do seu marido, que é um tempo de tristeza para ambas, por isso a terra não tem cultivo.

Foi assim que surgiram as estações do ano de acordo com a mitologia grega, visto que a primavera representa alegria, vitalidade, em que tudo floresce, e o outono é a renovação, deixando o velho para trás, tempo de colher o que se plantou na primavera, depois vem o verão com todo aquele calor, que é pura energia e felicidade, já o inverno, por ser frio, não tem como haver cultivo, se tornando assim, um período melancólico.

Rita Barbosa de Oliveira no seu artigo *A exigência da poesia*, fala sobre o livro *Poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen*, e como a natureza é um tema recorrente:

No espaço e tempo da natureza, é recuperado um mundo antigo expresso por uma ordem cósmica, ou seja, em que o homem tem consciência de sua identificação com os elementos da natureza, tornando possível a existência de uma realidade oposta àquela sistematizada pela vida nas cidades do Ocidente no século XX. (Oliveira, 2013, p. 3-4).

Segundo a autora, a natureza para Sophia de Mello Breyner Andresen é um espaço importante, visto que é onde o homem volta a ser primitivo, longe de tudo que é civilizado, e se reencontra com o seu íntimo, sua origem, sendo assim possível uma realidade diferente daquela encontrada nas cidades.

## Tempo e literatura

Alguns articulistas e teóricos discorreram a respeito de como tempo se configura na literatura. Antônio Medina Rodrigues, por exemplo, afirma que por ser:

Incapaz de dominar o tempo e o espaço, a literatura cria seu tempo e o seu espaço, isto desde Aristóteles, se chama imitação [...] A literatura inventa um duplo do mundo em que se possa ter a ilusão da simultaneidade entre o tempo e o discurso. Isso porque a linguagem humana possui uma plasticidade e uma economia que o mundo não tem (Rodrigues, 1989, p. 4).

Como não é possível à literatura descrever com precisão sobre tudo que ocorre no tempo físico, então cria seu próprio mundo, se utilizando da linguagem para escrever através das palavras sobre como advir os momentos no tempo real, assim repassando a impressão da realidade.

Conforme Antônio Medina Rodrigues (1989, p. 7) “A literatura, mesmo brincando a brincadeira mais louca, não deixa de ser sempre um pouco imitativa, reproduutora da vida [...]”, isso para fazer com o que o leitor tenha a sensação de que de fato aquilo está acontecendo. O tempo na literatura vai estar inteiramente focado no interior do eu lírico em relação as suas emoções, seus pensamentos, suas recordações e reflexões a respeito daqueles momentos de lembranças vivenciados em determinado instante da vida.

10

[...] Na verdade, esse agora da poesia, que parece que vai para a frente, desperta círculos de memória, círculos que envolvem experiências do tempo da emoção revisitada, não do tempo físico. Portanto, se a literatura pelo andamento progressivo do discurso, nos dá a ilusão de acompanhar o tempo, pela associação de uma palavra com a outra, ela se orienta para o passado e para a memória (Rodrigues, 1989, p. 5).

Segundo o autor, o tempo na literatura não vai ser linear, pois não segue uma ordem, já que os pensamentos vão e voltam para o passado, para depois ir para o presente e futuro, por conta do discurso, impregna a ilusão que de fato está acompanhando o tempo cronológico.

Rita de Cássia Oliveira no seu artigo *Memória, tempo e poesia*, afirma que:

[...] A poesia é uma narrativa sobre o movimento linguístico temporal, o que permite um aprofundamento da temporalidade em níveis sempre mais estendidos contra a ideia de um tempo linear e cronológico. Assim, a temporalidade tem seu sentido pleno quando é restituída ao agir e padecer da poesia (Oliveira, 2012, p. 20).

O tempo na literatura vai ser semelhante ao tempo proposto por Santo Agostinho, um tempo que é vivido na mente do poeta, que o autor vai ter toda a liberdade de criação para escrever o seu texto, e é onde “o autor vigora como um deus” (Rodrigues, 1989, p. 4). Já que ele vai utilizar da linguagem poética para descrever de forma subjetiva a respeito do mundo. Por outro lado, o tempo na literatura vai ser distinto do tempo físico, linear, isso porque o poeta sempre vai fazer uso da sua mente para a criação:

Não é o que foi, nem o que está sendo, mas o que está-se fazendo: o que está sendo gerado. É um passado que se reengendra e se reencarna. E se reencarna de duas maneiras: no momento da criação poética, e depois, como recriação, quando o leitor revive as imagens do poeta e convoca de novo esse passado que retorna. O poema é tempo arquetípico, que se faz presente mal os lábios de alguém repetem suas frases rítmicas. Essas frases rítmicas são o que chamamos de verso e sua função é recriar o tempo (Paz, 1982, p. 77).

---

Na literatura o que importa é o que está sendo produzido naquele instante, em que o passado vai ser revisitado e recriado pelo poeta, e vai fazer o leitor reviver tudo que foi escrito pelo escritor por meio da imaginação, assim o passado irá retornar.

Octavio Paz (1982, p. 77) afirma que “O tempo do poema é distinto do tempo cronométrico. ‘O que passou, passou’, dizem. Para o poeta o que passou, voltará a ser, voltará a encarnar”. O tempo na literatura não se apaga, não some com o passar dos dias e dos anos, como ocorre no tempo físico, isso porque o tempo que está presente na memória do poeta será revisitado e recriado em suas obras.

### O tempo na poesia de Sophia

De acordo com o site Camões instituto por Clara Rocha, Sophia de Mello Breyner Andresen nasceu no dia 6 de novembro de 1919, na cidade do Porto, e morreu em 02 de julho de 2004, aos 84 anos, em Lisboa. Passou sua infância no Porto, em lugares como a casa do Campo Alegre, o jardim, a praia da Granja, sendo locais fontes de inspirações poéticas e ficcional da poeta. Entre 1936 e 1939, frequentou o curso de Filologia Clássica, na Faculdade de Letras de Lisboa, e não concluiu, foi assim que teve o contato com a civilização grega, que profundamente admirou, e no qual é bem predominante em suas obras. Sophia nasceu e foi criada em uma família da aristocracia, sua mãe era Maria Amélia de Mello Breyner e o seu pai era João Henrique Andresen, um comerciante de vinho.

Sophia de Mello Breyner Andresen é um dos nomes mais representativos da literatura portuguesa, tendo em vista que foi a primeira mulher portuguesa a receber o importante prêmio Camões, em 1999. Sophia de Mello produziu importantes obras literárias, desde poesia, contos, até histórias infantis, além de ter sido representante de escritores que se dedicavam ao engajamento político.

Sophia casou-se em 1946, com o advogado, jornalista e político Francisco José de Sousa Tavares, com quem teve cinco filhos. E após seu casamento, fixou-se em Lisboa, passando seus dias entre escrever poesia e participar da intervenção cívica contra o estado novo, também chamado de Salazarismo, visto que esse regime ditatorial era comandado por Antônio de Oliveira Salazar. A participação cívica e política de Sophia prosseguiram depois dos 25 de abril, cuja data intitula o poema que se encontra no livro *O Nome das coisas*, publicado em 1977.

Entre suas principais obras estão: Poesia: *Poesia* (1944); *Dia do Mar* (1947); *Coral* (1950); *No Tempo Dividido* (1954); *Mar Novo* (1958); *O Cristo Cigano* (1961); *Livro Sexto* (1962); *Geografia* (1967); *Dual* (1972). Prosa: *Contos Exemplares* (1962); *Histórias da Terra e do Mar* (1984). Contos para crianças: *A Menina do Mar* (1958); *A Fada Oriana* (1958); *A*

---

Noite de Natal (1959); O Cavaleiro da Dinamarca (1964); O Rapaz de Bronze (1965). E teve o ensaio: O Nu na Antiguidade Clássica (1975). E algumas traduções: A Anunciação a Maria (Paul Claudel) (1960); O Purgatório (Dante) (1962); Muito Barulho por Nada (Shakespeare), 164 (inédito); Hamlet (Shakespeare) (1987); Quatre poètes portugais Camões, Cesário Verde, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa (1970).

Maria Sonilce Nunes Caetano Rabelo (2012, p. 76), acerca da poesia de Sophia, diz que “A memória, capturada pelo tempo presente, revela lembranças e esquecimentos em múltiplas dimensões. Neste contexto, o eu lírico busca organizar e registrar a inúmeras memórias individuais, de modo a tecer uma teia capaz de preencher os lapsos temporais”, isto é, o eu lírico é quem vai organizar todos os acontecimentos de acordo com tempo que determinado momento ocorreu.

Nos poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen, são evidentes as marcas temporais, visto que a poeta utiliza da memória para dar sequência à narrativa, de acordo com o artigo de Matthews Cirne: *Intacta memória: percepções do tempo na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen*:

A temporalidade é problematizada na medida em que se percebe o risco da perda da tradição, evitando que o homem não se perca de suas origens e da origem das coisas. Deve-se a isso o caso de a poeta retomar em seus poemas a ideia da temporalidade cíclica, característica da antiguidade greco-romana, em contraposição à noção de tempo da cultura ocidental (Cirne, 2021, p. 60).

Sophia baseia-se em suas obras o tempo cílico, características das civilizações antigas, como também os gregos na antiguidade tinham esse conceito cílico do tempo, isto porque os gregos acreditavam nesse eterno retorno, nesses ciclos repetitivos, por isso para representar esse tempo cílico, essa poeta coloca as estações do ano para deixar em evidência esse ciclo que sempre se renova.

Miguel Santos Vieira, no seu artigo *A presença da mitologia clássica e pensamento filosófico no regresso à Grécia de Sophia M. B. Andresen*, fala a respeito da influência da mitologia grega que a poesia de Sophia sofreu:

A nossa hipótese interpretativa é que Sophia experimenta um tempo que corresponde a uma mitologia interiorizada que atinge tudo no seu todo de um modo concreto. É a elucidação das formas de tempo do aí que configura o sentido filosófico do regresso de Sophia [...] (Vieira, 2014, p. 73).

Conforme o autor, Sophia utiliza os seus saberes sobre a mitologia grega, para descrever o mundo a sua volta de uma forma mais concreta, assim como toma posse dessa mitologia para explicar o seu mundo interior, visto que é bem notório em suas obras essas referências sobre a Grécia antiga, e todos os elementos que envolvem os gregos e suas mitologias.

---

A temática do tempo é uma constante na poesia de Sophia Andresen, de modo que esse elemento transcorre toda sua obra através das estações do ano, por exemplo, além de acionar suas memórias, como se pode observar no poema a seguir, na forma como as recordações dos dias vividos no inverno reiteram esses instantes:

### **Um pálido inverno**

Um pálido inverno escorria nos quartos  
Branços de silêncio como a névoa  
Um frio azul brilhava no vidro das janelas  
As coisas povoavam os meus dias  
Secretas graves nomeadas  
(Andresen, 2014, p. 53)

A análise do poema inicia-se pelo título do qual podemos destacar as palavras “pálido” e “inverno”, em que o eu lírico nomeia o inverno como sendo “pálido”, ao invés de usar a cor cinza, que comumente é utilizada para simbolizar esse período. Assim, entende-se que essa palavra foi usada com intuito de descrever aspecto do tempo, já que, o adjetivo “pálido”, habitualmente diz respeito a algo que perdeu a cor, assim sendo, pode estar se referindo ao desgaste temporal.

Assim como também o adjetivo “pálido” faz uma menção a morte, isto porque essa estação do ano traz consigo sentimentos e sensações de uma forma inconsciente, fazendo com que as lembranças do eu lírico sejam acionadas, relacionando assim as sensações parecidas com as do luto, pois, no período de luto, as pessoas tendem a não interagir muito com outras pessoas, se isolam e ficam melancólicas.

No primeiro verso do poema, o eu lírico começa a falar que esse “pálido” inverno “escorria”, que a palavra “escorria” no primeiro momento nos passa a ideia de que gotejava água nos quartos, mas como está relacionado com o aspecto do tempo, o eu lírico estaria querendo dizer que aquele inverno de característica “pálida” se fazia presente no ar de todos aqueles quartos, ou seja, se podia sentir o quanto estava frio mesmo do lado de dentro.

O eu lírico no segundo verso como se pode observar, faz uma comparação para caracterizar o interior dos quartos, que ele diz que são “brancos de silêncio como a névoa”, no qual o eu lírico utiliza “brancos” e “névoa”, sendo cores claras, para representar toda a tranquilidade que se encontrava nesses aposentos, como também sugerindo a presença da neve, que é uma característica dos invernos europeus.

Logo adiante no terceiro verso, o eu lírico utiliza a cor “azul” para simbolizar o frio intenso que se encontrava fora desses compartimentos, já que o “azul” é uma cor considerada fria, e está relacionada a elementos que fazem lembrar o frio, como a

água e o gelo. O eu lírico ainda diz que esse frio azul “brilhava nos vidros das janelas”, ou seja, o inverno se encontrava tão rigoroso lá fora, que se concentrava todo nos vidros das janelas.

14

Nota-se também com a menção dos “quartos” e das “janelas” que o eu lírico situa-se em casa, pois em nenhum momento descreveu sobre as paisagens do lado de fora desses aposentos, então possivelmente se encontrava dentro de sua casa. E isso reforça a questão do isolamento das pessoas nesse período do ano.

Nos dois últimos versos, podemos perceber explicitamente essas passagens temporais entre passado e presente, pois, no decorrer de todo o poema, o eu lírico fala do passado, descrevendo os dias no inverno, e no último verso ele já se encontra no presente, ou seja, o passado vai ser lembrado no tempo presente, todas as lembranças do eu líricos existem pelo fato de estar gravado em sua memória, e que foram acionadas pela mencionada estação. E isto nos remete o tempo agostiniano, tempo e consciência, em virtude de que os eventos do passado vão se fazer presente justamente porque serão lembrados no tempo presente.

Portanto, pode-se notar no poema o tempo cíclico, visto que as lembranças são acionadas por uma estação do ano, como também se faz presente o tempo e a consciência, tempo esse que Santo Agostinho e outros articulistas discorreram, que é aquele tempo que consta somente na consciência.

No poema seguinte, nota-se mais uma vez a presença das estações, e como o eu lírico estava se sentindo naquela época em que o outono estava prestes a ir embora, pois muitas lembranças estavam sendo recordadas, trazendo consigo reflexões acerca da vida:

#### **As fotografias**

Era quase inverno naquele dia  
Tempo de grandes passeios  
Confusamente agora recordados  
A estrada atravessava a serra pelo meio  
Em rugosos muros de pedra e musgo a mão deslizava  
Tempo de retratos tirados  
De olhos franzidos sob o sol de frente  
Retratos que guardam para sempre  
O perfume de pinhal das tardes  
E o perfume de lenha e mosto das aldeias  
(Andresen, 2014, p. 54)

No poema “as fotografias” o título em si, transmite o registro de momentos vivenciados, no qual jamais irá voltar, por isso ao olhar para as fotografias, o eu lírico tem recordações desse tempo passado que ficou registrado em sua memória, que independentemente de agora estar gravado em fotografias, ainda é uma lembrança

---

que depende da consciência do eu lírico para se fazer presente, pois se ele não lembrar, é como se nada tivesse acontecido naqueles dias de outono.

Nota-se as estações do ano mais uma vez presente na obra de Sophia de Mello Andresen, pois elas marcam a passagem do tempo e sua circularidade, sendo assim o tempo cíclico, e ao analisar o poema percebe-se o tempo existencial, tempo esse que os gregos chamaram de Kairós, como se observa nos seguintes versos, quando o eu lírico diz, “Tempo de grandes passeios” e “Tempo de retratos tirados” ou seja, era tempo oportuno para passear e aproveitar aqueles dias que o outono estava prestes a ir embora.

No terceiro verso “Confusamente agora recordados”, é notório o tempo presente, isto porque o eu lírico está no tempo presente lembrando do passado, desse modo é o tempo e consciência, que tanto Santo Agostinho como os outros articulistas discutiram, uma vez que, por mais que o passado não exista presentemente, ele vai existir por conta da consciência do eu lírico, pois sempre quando o inverno estiver próximo, suas lembranças serão ativadas para aqueles momentos vivenciados nessa época do ano.

A partir de então, o eu lírico começa a contar sobre os lugares nos quais percorreu naqueles dias em que o outono estava findando, pois a natureza já estava se preparado para a chegada do inverno, visto que o outono antecede o inverno, e nessa época as temperaturas já começam a mudar, ficando mais frias, mas não tanto como no inverno. No outono o clima é mais agradável, como também as folhas caem, demonstrando a passagem de uma estação para outra, assim como as folhas das árvores tendem ser mais amareladas, e os dias começam a ficar mais curtos e as noites mais longas.

As lembranças são acionadas devido às características que cada estação do ano traz consigo, pois o eu lírico fala sobre o “perfume de pinhal das tardes” e o “Perfume de lenha e mosto das aldeias”, sendo características marcantes do inverno, em virtude de a lenha servir para fazer o fogo que aquece todos nessa estação fria, e “mosto” é a fruta utilizada para a fabricação do vinho, além disso, o inverno é marcado também pela chegada do natal, por isso há presença de pinhal no poema, que serve justamente para fazer arvores de natal.

Como se observa que autora recria passado no poema, como o ensaísta Octavio Paz citou que o poeta revisita seu passado e o reproduz em sua obra, no qual o leitor revive mais uma vez o passado através da leitura e imagens que vão surgindo em sua mente.

Portanto, neste poema de Sophia de Mello Breyner Andresen, encontram-se os três conceitos do tempo: o tempo cíclico, o tempo e consciência, o tempo e

existência, na medida em que se refere a uma estação do ano, e menciona sobre as recordações e reflexões da vida em relação do passado no tempo presente, como também fala sobre os momentos propícios para certa ocasião.

No poema “Os dias de verão” nota-se que Sophia fez muito uso dos elementos da natureza para descrever como são os dias nessa estação, e como se tem conhecimento, essa poeta sempre coloca em sua poesia referências aos gregos, pois seu fascínio pela Grécia é bem evidenciada através das suas obras:

**Os dias de verão**

Os dias de verão vastos como um reino  
Cintilantes de areia e maré lisa  
Os quartos apuram seu fresco de penumbra  
Irmão do lírio e da concha é nosso corpo

Tempo é de repouso e festa  
O instante é completo como um fruto  
Irmão do universo é nosso corpo

O destino torna-se próximo e legível  
Enquanto no terraço fitamos o alto enigma familiar dos astros  
Que em sua imóvel mobilidade nos conduzem

Como se em tudo aflorasse eternidade

Justa é a forma do nosso corpo  
(Andresen, 2014, p. 61)

O poema que tem como título “Os dias de verão” está se referindo claramente a uma estação do ano, ressaltando o ciclo eterno da natureza, em que o tempo cronológico vai ser marcado por essa circularidade, assim como também mostrando que a existência do homem não é infinita, como o ciclo das estações, que sempre se renova, no qual também nos remete sobre o tempo que o Octavio Paz explana, que é o homem não finito, que assim como os dias e os anos passam, o homem também. E no decorrer do poema será bem marcada essa questão da existência do homem.

Nos dois primeiros versos do poema destacam-se as palavras “vasto”, “reino”, “cintilantes”, “areia” e “maré”, que equivalem a elementos da natureza, nos quais se relacionam entre si, por conseguinte são elementos predominantes da estação do verão, dessa forma, o eu lírico diz que os dias nessa estação são extensos como um “reino” e “cintilantes”, ou seja, os dias nesse período são mais luminosos e longos que as noites, por isso, o mar e a praia são constantes nesse período.

Logo no verso seguinte, é reforçada essa ideia da luminosidade, visto que é uma das características predominantes dessa época do ano, quando o eu lírico diz que nos dias de verão “Os quartos apuram seu fresco de penumbra”, fazendo assim,

---

referência do mundo exterior que a luz é forte, assim acontece essa transição da luz para a sombra nos quartos.

Nesse poema percebemos várias metáforas, e uma delas se encontra no último verso da primeira estrofe, que o eu lírico fala sobre o “lírio” e “concha”, visto que, metaforicamente estão ligados à morte, indicando, pois, a temporalidade do homem, que assim como o lírio é belo, todavia tem pouco tempo de vida, além disso, nas civilizações antigas as conchas eram usadas para adornar os mortos, por isso essa metáfora ratifica como a vida é efêmera.

Nos versos subsequentes, têm outras metáforas, mas primeiramente iremos analisar o verso “tempo é de repouso e festa”, depois de o eu lírico falar sobre a morte no verso anterior, nesse verso ele diz que é tempo de descansar e curtir, que se deve aproveitar a vida enquanto há tempo, ademais a estação do verão é o sinônimo de alegria, no qual é associado à época das férias, período que se retiram para fugir do tumulto das cidades, e buscam a paz na natureza.

Os versos “tempo é de repouso e festa” e “O instante é completo como um fruto” também nos remete ao tempo que os gregos nomearam como Kairós, devido ao fato de o poema falar sobre aproveitar o momento certo, esperar a oportunidade adequada para agir, e o eu lírico fala sobre este ser o momento ideal, o instante presente para festejar e repousar.

A influência da mitologia grega na poesia de Sophia reflete-se perfeitamente nesses versos que o eu lírico diz que “Irmão do universo é nosso corpo” e “Justa é a forma do nosso corpo”, nos quais há referências às estátuas que os gregos antigamente faziam, que eles tentavam reproduzir a perfeição do corpo humano, e como esse poema diz respeito a uma estação do ano, sendo o verão, esses versos podem também estar se referindo ao fato de que nessa época do ano o corpo fica mais exposto, por ser o período considerado mais quente do ano.

O eu lírico, logo após, toma consciência da existência do homem, do universo, como tudo é complexo, e que o destino está cada vez mais próximo e claro, além do fato de que nos dias de verão tudo parece durar mais, dando a sensação de que as coisas são eternas, “Como se em tudo aflorasse eternidade”, mas é mera ilusão, pois, assim como as estações passam, o homem também, pois é temporal.

Portanto, o tempo que encontramos na poesia de Sophia está explicitamente relacionado com o tempo cíclico, pois com a presença das estações do ano isso fica bem evidenciado, além de demonstrar que as recordações da poeta e suas reflexões sobre os momentos vivenciados estão interligados com as outras variações conceituais do tempo, como o tempo e consciência, tempo e existência.

---

## Considerações finais

18

Como ficou visto, a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen está estreitamente relacionada com o tempo cíclico, devido à presença das estações do ano que marcam essa circularidade do tempo, que todo ano se repetem, visto que, nunca terminam, não tem fim, sendo assim um eterno retorno, e trazem consigo recordações dos períodos passados em cada estação, como também fazendo com que o ser humano reflita acerca da sua existência.

Ficou evidenciado também, que as recordações da poeta no decorrer da obra estão ligadas com o tempo e consciência, pois todos os eventos nos quais viveu no passado ficaram gravados em sua consciência, por mais que o passado já não exista presentemente, ele existe por força da memória da poeta, e foi revisitado no tempo presente, por conseguinte recriado em sua obra.

Além do mais, a poesia de Sophia também faz uma reflexão sobre a vida, do tempo vivido, sobre tudo que já viveu e aprendeu no decorrer da vida, além de mostrar que se deve saber aproveitar as oportunidades, curtir os momentos, pois a vida é efêmera demais para não viver com qualidade, em virtude disso, a poesia da autora está vinculada com o tempo e a existência.

Dessa forma, a poesia dessa poeta portuguesa transmite através das estações do ano que a vida é feita de ciclos, que sempre se renovam, e trazem consigo ensinamentos, todavia, por mais belo que seja os momentos vivenciados, nada dura para sempre, pois os ciclos se fecham, que até o “eterno” chega ao fim, refletindo assim, sobre a temporalidade do homem.

## Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 1º ed. São Paulo, 2007.
- AGOSTINHO, Santo. *As confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Dual*. Lisboa: Porto Editora, 2014.
- ARANTES, Paulo Corrêa. Kairós e Chronos: Origem, significado e uso. *Revista Pandora Brasil*, n. 69. Dezembro. 2015.
- CÁCERES, Carlos Alberto. A criação e o tempo em Agostinho: Uma análise do livro XI das Confissões. *Revista Diaphonía*, v. 7, n. 1, p. 30–52. 2021. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/27134>

---

CAIRUS, Henrique Fortuna; RIBEIRO, Tatiana Oliveira. Alguns olhares gregos sobre as estações do ano: a temporalidade e o etnocentrismo. *Revista interfaces*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 22, p.13-28, Jun. 2015.

CIRNE, Matthews. Intacta memória: Percepções do tempo na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen. *Revista desassossego*, São Paulo, v. 13, n. 25, p.51-72, jan/jun.2021. Disponível em <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i25p51-72>

CORREIA, Fábio José Barbosa. *O problema do tempo no pensamento de Agostinho de Hipona e Henri Bergson*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2016.

OLIVEIRA, Rita Barbosa de. A exigência da poesia. *Revista Decifrar*, Manaus, v. 1, n. 1, p. 3-11, 2013. Disponível em: //www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/1015. Acesso em: 22 fev. 2025.

OLIVEIRA, Rita de Cássia. Memória, tempo e poesia. *Revista Vozes dos Vales da UFVJM*, MG, 2012.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RABELO, Maria Sonilce Nunes Caetano. *O mar em Sophia*: poética, tempo e memória. Dissertação (Mestrado) Pontifícia universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

ROCHA, Clara. Sophia de Mello Breyner Andresen. *Camões instituto da cooperação e da língua Portugal*. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xx/sophia-de-mello-breyner-andresen-53148-dp20.html#.YzoxMtjMLIW>. Acesso em: 10/07/2022

RODRIGUES, Antônio Medina et al. *Estudos sobre o tempo: o tempo na literatura*. São Paulo, 1989.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio. *Mitos Gregos*. São Paulo: Objetivo, 1998.

VIEIRA, Miguel Santos. A presença da mitologia clássica e pensamento filosófico no regresso à Grécia de Sophia M. B. Andresen. *Revista terceira margem* 29, Londres, p.63-83, jan-jun. 2014.

---

Submetido: 14/10/2024  
Aceito: 30/12/2024  
Publicado: 22/02/2025

Vol. 01, Nº 03 (2024)  
ISSN: 2966-0130

# REVISTA FIOS DE LETRAS